UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

ANNY CAROLINNE WEST SOARES

DROP DELAS

UM PODCAST SOBRE O UNIVERSO DO SURF A PARTIR DO OLHAR DE UMA MULHER

BRASÍLIA – DF

2022
ANNY CAROLINNE WEST SOARES

DROP DELA

UM PODCAST SOBRE O UNIVERSO DO SURF A PARTIR DO OLHAR DE UMA MULHER

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadores: Prof. Fernando Paulino e Prof. Ana Beatriz Lemos

BRASÍLIA – DF

2022

ANNY CAROLINNE WEST SOARES

DROP DELAS

UM PODCAST SOBRE O UNIVERSO DO SURF A PARTIR DO OLHAR DE UMA MULHER

BRASÍLIA – DF

SETEMBRO DE 2022

BANCA EXAMINADORA

_____

PROF. FERNANDO OLIVEIRA PAULINO E PROF. ANA BEATRIZ LEMOS ORIENTADOR

_____

PROF. ELTON BRUNO

EXAMINADOR

_____

JORNALISTA CAROLINA BRIDI

EXAMINADOR

_____

PROF. LIZIANE GUAZINA

SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho, significa, para mim, o encerramento de uma das fases mais importantes que vivi até agora. Entregar um produto final que envolve duas paixões da minha vida: o surf e o jornalismo.

Depois de quase cinco anos, estudando, aprimorando técnicas, aprendendo com os professores e literalmente me apaixonando pelo mundo do jornalismo, hoje, me sinto completa com a profissão que escolhi e confiante para atuar. Inclusive, para criar produtos na minha área.

A escolha do tema chegou em um momento importante da minha jornada. Não sabia ainda o que estaria ligado ao meu projeto final, mas no momento certo as coisas aparecem. Acredito que o caminho se forma enquanto estamos caminhando. Com a pandemia, eu me mudei para Florianópolis, em Santa Catarina. Uma experiência que era para ser uma viagem de quatro dias, acabou tornando-se a decisão de sair de Brasília e realizar um grande sonho que era morar perto do mar.

No dia seguinte que cheguei na ilha, fiz uma aula de surf e me apaixonei. Sem vontade de ir embora e querendo aprender mais sobre o surf e viver a experiência de morar na praia. Deixei tudo pra trás, menos a faculdade e o estágio, e fiquei em Florianópolis. Trabalhei em uma escola de surf em troca de moradia e com isso o estilo de vida do surf passou a fazer parte de mim.

Mas foi no meio do meu pré-TCC que decidi o tema deste projeto final, após um derrame que me impediu de andar por alguns meses. Eu queria continuar ligada ao surf, e foi durante as leituras e estudos para a produção da primeira versão do projeto final que eu me sentia conectada e vivenciando o surf de alguma forma.

Mas o Drop Delas é o resultado final de uma caminhada que não foi construída sozinha. Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Jandira e José, que sempre batalharam para me proporcionar uma boa educação e me ensinaram a arte que é viver e lutar pelos meus sonhos. Agradeço a minha irmã Sthefanny, que sempre é uma inspiração e exemplo para mim, além de sempre me apoiar e me ensinar que tudo pode ser alcançado desde que eu acredite em mim.

Homenageio também meus avós, Maria e José, que sempre me deram muito amor e foram como guias na Terra para mim. Meu avô faleceu durante o período que eu estava na faculdade. Ele foi uma das pessoas que, desde quando eu era pequena, me colocava para assistir jornal, o que com certeza resultou na minha escolha de seguir esta profissão.

Por fim, eu agradeço aos meus orientadores, Ana Beatriz Lemos e Fernando Oliveira Paulino, que receberam a minha proposta com entusiasmo e uma boa energia, o que foi fundamental para que eu acreditasse que era possível a criação do Drop Delas, que vai muito além de um projeto de finalização de curso e sim um projeto de vida que começo a colocar em ação. Talvez sem esse impulso e encorajamento, que em cada reunião eu recebia, concretizar o Drop Delas não seria possível.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me mandaram boas energias e torceram pelos meus sonhos. Cada pessoa no meu caminho, foi um professor (a), e eu sigo como uma eterna aluna da maior escola da sabedoria: a vida.

RESUMO

O produto final deste trabalho de conclusão de curso se trata de um podcast - Drop Delas - que apresenta os vários universos que o surf abrange, a partir do olhar de uma mulher surfista. O Drop Delas vai tratar desde temas que envolvem o surf, como a cultura, indústria, produtos, atletas, competições, mídia, simpatizantes, até temas que fazem parte da sociedade, como os debates sobre minorias (gênero, etnias, acessibilidade, classe). O relatório enviado para o Comitê Olímpico Internacional (COI), ainda com o processo aberto de candidatura do surf à modalidade olímpica aberto para os Jogos Olímpicos de 2020, a ISA (International Surfing Association) - instituição que está para o surf como a FIFA está para o futebol - assegurava que, em todo o mundo, existiam 23 milhões de pessoas a praticar surf. Ainda segundo os dados, o Brasil conta com cerca de 3 milhões de adeptos à modalidade (SURFTOTAL, 2019). Apesar da prática ter as suas próprias características, outras questões sociais não deixam de permear esse espaço. Segundo Irwin (1973), os surfistas possuem uma visão diferente do mundo, falam uma linguagem própria e possuem símbolos como a prancha de surf que os caracterizam (IRWIN, 1973). Neste sentido, este trabalho busca apresentar o universo do surf nos vários aspectos em que ele se faz presente na vida daqueles que praticam a atividade, ou de quem, de alguma forma, se interessa pela cultura do surf. Os episódios serão veiculados nas plataformas de streaming como Anchor, Rádio Public, Google Podcasts, Spotify, Breaker, Stitcher e Pocketcasts.

Palavras-chave: Comunicação. Surf. Cultura. Podcast.

ABSTRACT

The final product of this course conclusion work is a podcast - Drop Delas - which presents the various universes that surfing covers, from the point of view of a female surfer. Drop Delas will deal with topics that involve surfing, such as culture, industry, products, athletes, competitions, media, sympathizers, to topics that are part of society, such as debates on minorities (gender, ethnicity, accessibility, class) . The report sent to the International Olympic Committee (IOC), with the surf application process still open for the 2020 Olympic Games, the ISA (International Surfing Association) - an institution that is for surfing as FIFA is for football - ensured that, worldwide, there were 23 million people surfing. Also according to the data, Brazil has about 3 million fans of the sport (SURFTOTAL, 2019). Although the practice has its own characteristics, other social issues do not cease to permeate this space. According to Irwin (1973), surfers have a different view of the world, speak their own language and have symbols such as the surfboard that characterize them (IRWIN, 1973). In this sense, this work seeks to present the universe of surfing in the various aspects in which it is present in the lives of those who practice the activity, or who, in some way, are interested in surfing culture. Episodes will be aired on streaming platforms such as Anchor, Rádio Public, Google Podcasts, Spotify, Breaker, Stitcher and Pocketcasts.

Key Words: Communication. Surf. Culture. Podcast.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **9**

2. PROBLEMA **10**

3. OBJETIVOS **11**

3.1 OBJETIVO GERAL 11

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 11

4. JUSTIFICATIVA 12

5. REFERENCIAL TEÓRICO **13**

5.1 CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA 13

5.2 CULTURA DO SURF **15**

5.3 MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA **18**

5.4 PODCAST **19**

6 CONTEXTUALIZAÇÃO **20**

6.1 SURF E O UNIVERSO MIDIÁTICO BRASILEIRO 20

6.2 ESPAÇO PARA MINORIAS 22

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **23**

7.1. PRÉ-PRODUÇÃO 23

7.1.1 A DECISÃO PELO MODELO PODCAST 23

7.1.2 REFERÊNCIAS DE PROGRAMAS DE PODCAST 24

7.1.3 FORMATO E DURAÇÃO DOS EPISÓDIOS 25

7.1.4 PROPOSTA DOS EPISÓDIOS 26

7.1.5 A ESCOLHA DO NOME DO PODCAST 27

7.1.6 A ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS 27

7.2 PRODUÇÃO 28

7.3 PÓS-PRODUÇÃO 29

7.3.1 EDIÇÃO DOS PODCASTS 29

7.3.2 APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO 30

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**

1. INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo do livro “A gênese do Surf”, o autor afirma que não se sabe ao certo onde a prática começou, se considerarmos o surfe como o ato de deslizar sobre as ondas com o auxílio de uma prancha. Porém, existe uma região onde a prática se destaca. A atividade ganhou força na Polinésia - um conjunto de ilhas do Pacífico - onde deslizar sobre as ondas usando um pequeno pedaço de madeira já fazia parte da rotina de grande parte dos ilhéus da Polinésia.

> “Que ato ilusoriamente simples é esse de apanhar uma onda no mar. Matematicamente, a análise desse ato pode ser mais complexa do que a grande maioria dos mortais sonha entender. Entretanto, essa tarefa pode ser realizada se a entregarmos a um físico experiente. Porém, muito mais complexo e intrigante é decifrar a dimensão de como essa simples relação entre o homem e a onda pode influenciar tanto a consciência quanto a personalidade de um ser humano, melhor ainda… de vários seres humanos, todos eles imersos em um mesmo arquétipo.”
> (ÁRIAS, 2003).

A população vivia em uma monarquia. E, entre os anos de 1790 a 1800, um rei chamado Kamehameha I aprendeu a surfar e foi o maior responsável pela unificação de todas as ilhas havaianas em um só reino. O rei surfava ao longo da costa de Kona, no Havaí, local onde o tenente King, da esquadra de James Cook, presenciou pela primeira vez a prática do surfe (ÁRIAS, 2003). O navegador inglês James Cook ao chegar ao Havaí, em 1778, teve contato e levou a ideia para Europa. Em meados da década de 50, o surfe chega aos Estados Unidos, especialmente, o Estado da Califórnia, a partir disso foi espalhado como uma cultura que mistura natureza e esporte. Nas décadas de 70 e 80, iniciaram-se os campeonatos profissionais. O surfe teve seu primeiro campeonato mundial em 1964. O evento ocorreu em Manly Beach, Austrália, e contou com surfistas locais e também do Havaí, EUA e Peru. O vencedor foi o australiano Midget Farrelly, que venceu a prova e, consequentemente, foi declarado o primeiro campeão mundial da história. Neste momento, surgiu a International Surfing

Association (ISA), entidade que regula o esporte, credencia instrutores de surfe e é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional.

No pós-segunda Guerra, uma forte influência mundial norte-americana manifestava-se em diferentes setores e sua cultura foi fortemente disseminada. Segundo Dias (2008, p. 91), "a cultura norte americana do lazer e, sobretudo, sua embrionária indústria de turismo desempenharam papel importante na definição do surfe em termos esportivos, pois foram responsáveis pela redescoberta do Havaí como lugar de um novo hedonismo", tornando-o o arquétipo do paraíso, o berço do esporte que todo surfista deseja conhecer (BOOTH, 2001; DIAS, 2008).

Booth (2001), descrevendo a visão de hedonismo típica na modalidade, diz que muitos surfistas acreditam que surfar chega a ser uma experiência orgástica, espiritual e/ou divina, e que o momento do tubo - quando o surfista passa debaixo da água no exato momento em que a onda está quebrando - nessa perspectiva, é uma dádiva, um presente de algo superior. Os surfistas buscam momentos ímpares em viagens, fugas do cotidiano ou atividades cotidianas de lazer.

O surfe no Brasil iniciou seu processo de popularização aproximadamente na década de 1960, que segundo Dias (2007) coincide com o início da disseminação internacional do surf, devido ao seu progresso comercial (filmes, roupas, acessórios, revistas, entre outros) o que, claramente, fora crucial na multiplicação do número de adeptos à modalidade.

2. PROBLEMA

Ao observar um cenário em que as mulheres, cada dia mais, ganham espaço e chance de atuar e construir uma narrativa sobre assuntos que anteriormente não lhes seriam dado voz, é que surge o Drop Delas.

A primeira ideia deste trabalho de conclusão de curso começou com a minha inquietude de perceber qual era o espaço para as mulheres surfistas dentro da mídia do surfe. A primeira versão do projeto tratava-se de uma análise qualitativa e quantitativa do espaço dedicado às mulheres, na revista HardCore - uma das mais reconhecidas no segmento - sobre as notícias dedicadas às atletas surfistas. Para a análise, seria feito um recorte temporal, durante o período das Olimpíadas de Tóquio, onde o surf pela primeira vez foi uma das modalidades do maior evento esportivo mundial.

Porém, nas conversas com os meus orientadores, surgiu a ideia de criar um produto, neste

caso, o podcast Drop Delas. Observamos que trazer uma análise bem consistente seria um pouco mais difícil, visto que o brasileiro Ítalo Ferreira foi o campeão mundial e teria mais matérias acerca do atleta, devido aos critérios de noticiabilidade de cobertura jornalística durante as Olimpíadas. E, dessa forma, falar sobre o surf me pareceu mais cabível e, então, o Drop Delas começou a ganhar forma.

O surf é considerado um esporte radical, e, por muito tempo, a prática e o estereótipo do surfista foram atrelados aos homens, sendo o mar considerado um espaço de domínio do sexo masculino. Hoje em dia, temos surfistas brasileiras fazendo história e que têm muito para contar. Mas muito mais que apenas debater assuntos relacionados ao universo feminino e ao surf, por que não falar do universo do surf com todos?

Então levar um pouco da cultura do surf e evidenciar como esse universo toca e traz consigo diversos outros temas, como as questões ligadas a minorias como gênero, etnias, classes, deficientes, passaram a ser, também, um desejo. A meu ver, esses assuntos também precisam ser debatidos, inclusive, no surf.

Por essa razão, chegou-se ao problema de pesquisa: sentindo falta de um diálogo em que homens e mulheres estivessem envolvidos e compartilhando os seus aprendizados sobre o mundo do surf é que surge o Drop Delas. Um podcast que quer dar voz a todos os gêneros e mostrar que o surf é liberdade, tanto no mar, quanto fora dele.

Será possível construir um cenário onde todos possam expor seus aprendizados, conhecimentos, desafios e vulnerabilidades sobre o surf?

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Apresentar diversos cenários que o surf abrange, seja a cobertura da mídia, relação das empresas com o esporte, indústria de patrocínios, atletas profissionais, treinadores, amadores, criadores de produtos, organizações do terceiro setor e pessoas que se conectam de alguma forma com o estilo de vida que o surf está inserido.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar um programa de podcasts que debata a relação do surf com a sociedade. Além de apresentar o surf, que tem um universo próprio, mostrar a forma como o esporte

dialoga com as questões envolvendo outros debates sociais, como as minorias (gênero, etnias, deficientes, classes).

- Criar um espaço onde os convidados possam debater diferentes temas sobre o surf de forma livre, proporcionando o compartilhamento de vivências que o surf pode proporcionar e a ampliação do conhecimento sobre essa modalidade.

4. JUSTIFICATIVA

De acordo com a Confederação Brasileira de Surf (CBS), o Brasil é uma das três grandes potências no esporte. O surfe está cada dia mais presente na cultura brasileira, e não é à toa que o Brasil vem se destacando mundialmente nas competições do esporte. A pesquisa - citada anteriormente - realizada pela Alma Surf e a Toledo & Associados, em 2012, aponta que, no Brasil, cerca de 3 milhões de pessoas praticam surf, e a prática, no mundo, tem mais de 30 milhões de adeptos. O grande desempenho dos atletas brasileiros contribui para um crescimento do esporte no país.

Temos como exemplo a brasileira Tatiana Weston-Webb, 26, que conquistou, em julho deste ano, o título de Jeffreys Bay. J-Bay é a penúltima etapa do circuito para definir as top 5 que disputarão o título mundial de 2022 da Liga Mundial de Surfe (WSL). Além disso, os Jogos Olímpicos de Tóquio, realizados entre 23 de julho e 8 de agosto de 2021, trouxeram, pela primeira vez, o surfe como uma das modalidades, consagrando um brasileiro como o primeiro campeão olímpico da história do esporte, Ítalo Ferreira, 28. Os resultados dos brasileiros na modalidade são reflexos da proporção que o surf ganha no país.

Ao observar essa expansão, surgiu a necessidade de debater o surf, relacionando-o a questões sociais, ou seja, criar um espaço mais intimista onde temáticas ligadas à prática e a questões da vida social fossem abordadas de forma ampla e desconstruída. Afinal, se o surf é cultura, ele se constrói nas relações mais corriqueiras, que se manifestam no dia a dia. Muito mais que um esporte, o surf é uma filosofia de vida que se expressa em várias vertentes. De acordo com os dados apresentados no artigo *O Estilo de Vida da Tribo do Surf e a Cultura de Consumo que a envolve* (2011), o Instituto Brasileiro de Surf (Ibrasurf) estima que o esporte movimenta R$ 7 bilhões ao ano em roupas, pranchas e acessórios. O texto também cita que "que no Brasil, cerca de 90% desse consumo de produtos relacionados ao surf se dá por simpatizantes do esporte e do estilo de vida do surfista (FORNECK, 2008; SCHIFINO, 2002)."

Feitas essas considerações, criar um espaço para o compartilhamento de ideias sobre o surf começou a se formar, e mais do que isso, chamar mais pessoas para compor esse debate. O Drop Delas é apresentado por uma mulher, Anny West, e busca, de alguma forma, proporcionar aos participantes e aos ouvintes um espaço livre para opiniões e aprendizados. Com a expansão da internet e com o crescimento e a popularização do podcast, este será o produto do trabalho final.

A pesquisa feita pela Globo, em parceria com a Kantar Ibope Media - empresa brasileira de pesquisas de mercado, opinião e política - realizada entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021, mostrou que o formato áudio voltou a conquistar espaço. A comprovação desse fato está no crescimento dos podcasts: na pandemia, o costume de acompanhá-los ficou tão frequente que o Brasil ocupou o quinto lugar no ranking mundial de crescimento da produção de podcasts, ainda segundo dados do estudo.

Pelo tema ser atual, até o momento, não foi encontrado nenhum estudo robusto sobre a quantidade de podcasts que abordam o tema surf no Brasil. Mas, em pesquisa no buscador *Google*, realizada em 2 de setembro de 2022, com as palavras "podcast" e "surfe", foram encontrados mais de dez programas em torno desta temática. Dentre eles, *Bóia*, *Surf de Mesa*, *VA surfar GINA*, *Surf em Debate*, *O Surf Transforma*, *Na Praia Delas,* entre outros. Uma característica interessante a ressaltar, é que a maior parte dos exemplos pesquisados têm apresentadores jornalistas ligados direta ou indiretamente ao surf, assim como o Drop Delas.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA

Para classificar um grupo por determinado comportamento, características, vestimentas ou pensamentos precisamos analisar todo um contexto histórico, ao longo de um período de tempo, que resulta no produto final que é observado. Todo objeto observado e pesquisado vem com toda uma bagagem que começa na sua origem e flutua entre o seu momento presente e o seu momento futuro.

De acordo com Santos (SANTOS, 2009), a cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. O autor a classifica como uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. Assim, a cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo

tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes.

Para aprofundar mais a discussão sobre o que é cultura, apresento o pensamento de Stuart Hall, considerado um dos mais conhecidos analistas contemporâneos da cultura, pela sua análise sobre o que é conceito da palavra em suas diferentes manifestações. No texto *Stuart Hall: cultura, identidade e representação* (MORAES, 2019), a autora resume alguns pensamentos de Hall sobre o que é cultura. A contribuição de Stuart Hall no campo dos Estudos Culturais é considerada de importância fundamental, imprimindo sua marca no rumo teórico e político que o campo foi assumindo a partir dos anos 70 (ESCOSTEGUY, 2003).

Ainda segundo a obra de Moraes, percebe-se que Hall analisa derivações da cultura, como novas subjetividades e assim novas formas de ser, estar e entender o mundo, a partir de influências de aspectos sutis, indiretos, plurais e que permeiam toda composição social. Ou seja, uma investigação das subjetividades ligadas à cultura.

Conforme Hall (2002) é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Em parte damos significados aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. Em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas cotidianas (MORAES, 2019).

> [...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo,formadas culturalmente (HALL, 2000).

Santos (2009) apresenta duas concepções básicas de cultura. A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade (SANTOS, 2009). Já quando parte para a segunda

definição, ele relaciona a cultura com ideias, crenças e modos de existir na vida social. Segundo Santos, a cultura diz respeito a uma esfera, e um domínio, da vida social.

Para o antropólogo Grant McCracken, a cultura é a "lente" pela qual o indivíduo enxerga os fenômenos; assim sendo, determina como os fenômenos serão apreendidos e assimilados. Ademais, a cultura é a "planta baixa" da atividade humana, determinando as coordenadas de ação social e atividade produtiva, e especificando os comportamentos e objetos que derivam de uma e de outra. Na qualidade de lente, determina como o mundo é visto. Na de planta baixa, determina como o mundo será moldado pelo esforço humano (MCCRACKEN, 1986).

Não podendo fugir dessa análise histórica, pontuei o que é a cultura. Afinal se vamos destrinchar a cultura do surf, precisamos primeiro entender esse conceito, que nos é tão fundamental.

5.2 CULTURA DO SURF

Segundo Dias (2008), desde os fins dos anos 1950, a presença do surfe em produções cinematográficas tem se apresentado como um importante vetor de sua popularização. O autor cita dois grandes filmes como *Gidget* (1959) e *Endless Summer* que deram à cultura do surf um impulso mundial decisivo.

Na primeira obra (*Gidget*), uma adolescente da Califórnia que vai à praia com um grupo de amigas nas férias de Verão e descobre o surf, os surfistas e o amor, este filme é considerado o primeiro dos *beach movies*, e o responsável por ter dado a conhecer a cultura surfista californiana ao americano médio.

Já a segunda produção, intitulada *Endless Summer* (1966), é um documentário em que uma dupla de amigos surfistas americanos, Mike Hynson e Robert August, embarcam em uma viagem por praias de todo o mundo, procurando as melhores ondas para surfar, correndo atrás do Verão e divulgando a modalidade por onde passavam. *The Endless Summer* transformou-se num clássico dos *surf movies*.

Zuch (2011), apresenta que como resultado desse movimento cultural que emergiu nas décadas de 1950 e 1960, principalmente nos Estados Unidos, o surf foi unindo elementos à sua formação. As músicas utilizadas na sonografia dos filmes com melodias agitadas e marcantes foram um dos aspectos que se desenvolveram junto a essa formação cultural. E assim ganha

força um grande mercado que dissemina a cultura do surf, que abrange não somente a indústria de entretenimento, mas de informações.

A pioneira, a americana *Surfer*, impressa pela primeira vez em 1960, é mencionada como a "Bíblia do esporte". Inicialmente concebida como um foto-livro, as primeiras 10 mil cópias, que acompanhavam o filme *Surf Fever* do artista e cineasta John Severson, esgotaram-se rapidamente. Severson antevendo uma boa oportunidade comercial lançou em 1961 a *Surfer Quarterly,* mas a grande demanda o fez mudar o formato para seis edições ao ano, com a *Surfer Bi-Monthly,* em 1962. Em 1976 a revista tornou-se uma publicação mensal (KAMPION, 2000).

Dias (2008) destaca que o estabelecimento dessa cultura esportiva em nível internacional foi acompanhado pela perpetuação de uma certa história e de certos personagens.

As referências aos costumes havaianos, a ideia de que o surfe é "o esporte dos reis polinésios" e as devoções ao nome de Duke Kahanamoku são exemplos desse processo de seleção e construção de memória através da atribuição de destaque a determinados aspectos do seu passado. Evidentemente, tudo isso ajuda na reprodução de mitos, emblemas e sinais. De maneira ainda mais explícita, vê-se recentemente a multiplicação de uma série de produtos coerentes com essa estrutura discursiva (DIAS, 2008).

O historiador Douglas Booth, em seu artigo *História, Cultura e Surf: explorando relações historiográfica*s, foca na cultura popular do surf. O autor aborda o mundo do surf como um passatempo popular, um esporte estabelecido com circuitos mundiais profissionais e uma experiência afetiva.

De acordo com Booth, Raymond Betts (2004) identifica quatro fatores que, segundo ele, determinaram o desenvolvimento da cultura popular no século XX: visualização, comodificação, entretenimento e tecnologia. Booth acrescenta uma quinta à lista de Betts: experiências afetivas.

Experiências afetivas corporalizadas marcam a cultura popular, que tipicamente celebra e se engaja em acontecimentos que existem para além do mundano e ordinário; acontecimentos que estimulam, excitam, impressionam e assustam; e acontecimentos que causam eriçam os pelos do corpo, arrepiam os da nuca, e tiram o fôlego. Sem dúvida, o esporte é uma experiência afetiva corporalizada (BOOTH, 2013).

Um fator histórico que faz parte da cultura do surf trata-se do enredo social da época em que a prática chega aos Estados Unidos e começa a se popularizar. A década de 1960 testemunhou um grande crescimento de movimentos sociais, nacionalistas, de povos

indígenas, da juventude e por direitos para as mulheres. Os grupos queriam um espaço mais democrático e a libertação de forças repressivas e exploradoras.

Segundo Booth (2013), quando a história do esporte emergiu como um tema de estudo nos anos 1970, vários adeptos se alinharam com a história social emancipacionista. O autor esclarece que, nos anos 1960, autoridades locais em cidades, vilas e municípios costeiros na Austrália, nos Estados Unidos e na África do Sul aprovaram leis para regular e controlar o 16 surfe, um passatempo cada vez mais popular entre a juventude. "Liderados por membros de uma geração cujas perspectivas de vida haviam sido forjadas pela guerra e pela depressão econômica, muitos governos locais consideravam o surfe um passatempo inútil, egoísta e sem vínculos institucionais" (BOOTH, 2013).

Em resposta aos controles e regulações transformados em lei pelas autoridades locais, os surfistas se organizaram em associações esportivas formais e definiram a si mesmos como esportistas. Esta estratégia ajudou-os a ganhar credibilidade. Após o primeiro campeonato mundial de surfe oficial em Manly Beach (Sydney), em maio de 1964, o prefeito de Manly declarou bem-vindos os surfistas: "99% dos surfistas são jovens maravilhosos, com uma visão muito boa do esporte. É um esporte saudável, ao ar livre, e espero que ganhe popularidade" (BOOTH, 2001, p. 99).

Gerações de surfistas definiram o surfe como a essência de suas vidas. Dias (2013) destaca que "nesse universo, a ideia da exploração comercial nunca fora consensual. Parte das significações do surf estiveram e estão ainda submetidos a uma dinâmica de legitimação moral que desqualifica qualquer atitude que não seja motivada pela busca do prazer que a própria atividade pode proporcionar".

O impacto do surgimento de publicações especializadas foi algo profundo no desenvolvimento da cultura *surf*. Isso criou um movimento de registro de imagens sem precedentes. Fotógrafos motivados por um invento do pioneiro Tom Blake, a caixa estanque para máquinas fotográficas, e agora um meio de divulgação, a *Surfer*, deram dinamismo ao *surf*. Surfistas somente conhecidos em suas praias locais podiam ser reverenciados por milhares de leitores, e litorais distantes, como Hawaii e Indonésia, estavam ao alcance dos olhos. Surfistas anônimos tinham, agora, um ponto de convergência de estilo e comportamento (KAMPION, 2003).

Esse estilo de vida do surfista é atraente, pois o diferencia da sociedade enquanto grupo. Esse grupo possui uma visão diferente do mundo, fala uma linguagem própria e possuí símbolos como a prancha de Surf que o caracterizam (IRWIN, 1973). Beal e Crosset (1998),

afirmam que alguns ideais, valores e estilos compartilhados pelos surfistas são alguns dos fatores que os levam a serem reconhecidos enquanto uma sub-cultura, diferente do restante da sociedade, ou de uma "grande cultura". (COSTA, MEUCCI, COSTA, 2011).

No Brasil, historicamente, a mídia televisiva faz uso de dois canais de televisão condicionada a pagamento, ou simplesmente televisão por assinatura, para a transmissão das etapas do circuito mundial de surf, são eles *Sportv* e *ESPN*. A TV paga conta ainda com os canais *Woohoo* e *Canal Off*, que possuem em sua programação diversas séries voltadas ao público do surf (FERREIRA, 2018).

Ainda segundo Ferreira (2018), "o Woohoo é um canal focado na cultura jovem, idealizado por Antônio Ricardo e Ricardo Bocão que têm sua própria trajetória confundida com a do surf no país. Foi ao ar pela primeira vez em 2006 e, até hoje, transmite programas sobre comportamento, música, cultura e esportes de ação. Seguindo essa linha, no final do ano de 2011 estreou na televisão paga o Canal Off, pertencente ao Grupo Globo. Dois anos após a estreia, o Off lançou a série, "Mundo Medina", que acompanha a vida, os campeonatos e a rotina do surfista brasileiro mais conhecido pela mídia e pelo público, Gabriel Medina. No ano de 2016, logo após a conquista do título mundial por Adriano de Souza, o Off produziu o "Alma Salgada", série que "mergulha no universo do campeão mundial, resgata sua trajetória, retrata sua rotina dentro e fora da água e mostra o porquê de Adriano de Souza ser um dos melhores surfistas do mundo" (WOOHOO 2018; CANAL OFF, 2018).

5.3 MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA

Temos que olhar o advento da tecnologia como algo que vem para somar ao universo da imprensa. Em um mundo globalizado, as inovações se adaptam rapidamente e ganham suas características ou o reverso, nós nos adaptamos e nos moldamos com novas formas de perceber a realidade e interagir com ela. Com a democratização do acesso à informação, tudo parece estar em constante transformação.

No livro A modernização da Imprensa (1970-2000), de Alzira Alves de Abreu, a autora pondera que "embora não deva ser considerada o único agente de transformação da imprensa, a tecnologia foi seguramente um de seus principais instrumentos. Os avanços nessa área, com o desenvolvimento das telecomunicações, com a difusão da informática a partir dos anos 80, com as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, ocorreram em escala mundial e afetaram a coleta da informação, a produção da notícia e sua distribuição."

António João Marques Maia, em *Corrupção: Realidade e Percepções, O Papel da Imprensa*, cita a transformação e modernização da imprensa como uma estrutura de veiculação e produção de conteúdo não mais centralizada e tem características mais horizontais, além de romper barreiras, como por exemplo, a da distância.

Assim cita o autor: o modelo emergente parece caracterizar-se mais por uma estrutura social de tipo "horizontal", em "rede", na qual os grupos sociais se relacionam entre si como fazendo parte "comunidade global", que constrói e partilha um "saber" comum, o qual nem precisará de estar sempre presente em cada sujeito, na medida em que estará sempre disponível a todo o tempo e em todo o local à distância de um simples "clique" (Castells, 2002; Friedman, 2005).

A tecnologia digital está relacionada a mudanças na forma como assistimos não somente aos esportes, mas aos conteúdos audiovisuais em geral. As redes Wi-Fi e de banda larga móvel, sobretudo, a potência de transposição de dados obtida com a evolução tecnológica, permitiram alternativas aos métodos tradicionais de visualização de conteúdos esportivos, antes transmitidos apenas via televisão. Hoje se dá por meio de smartphones, tablets e outros dispositivos conectados à internet, inclusive aparelhos televisivos. Tais avanços propiciaram, de um lado, flexibilidade e facilidade de acesso, em especial para os interessados em esportes com pouco ou nenhum espaço nas grades televisivas; de outro, custos menores para produção e transmissão de conteúdo ao vivo por meio de plataformas e aplicativos utilizando *streaming*" (GUIMARÃES, FORTES, 2020).

5.4 PODCAST

Como o produto final deste trabalho é um podcast, faz-se necessária a contextualização do que é esse "programa de áudio" e como ele apresenta um grande crescimento no Brasil. Conceituado como "programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal" (LUIZ E ASSIS, 2010), o podcast potencializou-se pelo advento das ferramentas digitais.

Não há dúvidas da notoriedade que esse modo de disponibilização de arquivos sonoros obteve no final de 2004, tornando-se a mais nova atração na Internet chegando até, em 2005, ser considerada a palavra que mais circulou na rede durante o ano (MEDEIROS, 2006).

Os professores Adão Sousa e Fátima Bessa, em *Podcast e utilização do software Audacity*, destacam que o podcast é uma" ferramenta surge, em 2004, pela mão do DJ Adam Curry e do jornalista Dannie Gregoire, e rapidamente os utilizadores da Web iniciaram um

processo de produção e publicação on-line de registos áudio, Podcasting é, pois, a publicação de conteúdos áudio na internet, que, através da subscrição de “Feeds / RSS”, ficam disponíveis para serem descarregados para agregadores, como o iTunes, ou para outros dispositivos móveis como telemóveis, iPods, etc., possibilitando a sua audição em qualquer lugar e em qualquer momento.”

A origem do termo podcast surge a partir da junção 'broadcast' - que significa "transmissão" em inglês - e iPod, que refere-se ao dispositivo reprodutor de áudio da Apple. O primeiro podcast brasileiro, publicado no dia 21 de outubro de 2004, foi o Digital Minds. Em homenagem a data, o dia nacional do podcast no país é comemorado no dia 21 de outubro.

Segundo um estudo realizado pela plataforma CupomValido.com.br com dados da Statista e IBOPE, com mais de 30 milhões de ouvintes, o Brasil é o terceiro que mais consome podcast no mundo, ficando atrás apenas da Suécia e Irlanda (EXAME, 2022). Além disso, o estudo mostra que mais de 40% dos brasileiros escutaram podcast pelo menos uma vez nos últimos 12 meses.

Uma análise contundente que mostra o quanto o podcast parece ser uma tecnologia que veio para ficar, é que ele reforça um conceito democrático dentro da mídia, em especial, hoje em dia que o tema democracia está em alta. Segundo Medeiros (2006), “para produzir um Podcast basta que o usuário tenha nas mãos um microfone, um computador, um software de áudio e conexão à internet. No mais, o resultado fica à cargo da criatividade do usuário que tem a liberdade de escolher o conteúdo que mais lhe interessa. Esse tipo de produção descentralizada é característico das novas mídias, cujo modelo de comunicação baseia-se no modelo TODOS para TODOS, ao contrário das mídias massivas que seguem o modelo UM para TODOS”.

6 CONTEXTUALIZAÇÃO

6.1 SURF E O UNIVERSO MIDIÁTICO BRASILEIRO

Os meios de comunicação possuem grande influência na construção de uma cultura, principalmente, relacionada a práticas esportivas. Há algum tempo não é possível discutir o esporte sem vinculá-lo aos meios de comunicação. A influência ideológica que a mídia adquire, atribui a ela a autoridade em controlar e selecionar a forma como a divulgação de algo vai acontecer, norteada pelo interesse comercial na divulgação dessa informação (MÜLLER,

1996).

Nos últimos 22 anos, o surf passou de uma atividade de pessoas desocupadas para um esporte de alto rendimento com grandes atletas renomados, o qual tem um enorme mercado e grande exposição midiática (STACHEVSKI, 2020).

Fortes (2008) destaca a mídia como um dos fatores que desencadeou a expansão do surfe com a produção de produtos audiovisuais como *Nas ondas do surf* e *Menino do Rio*, sessões de cineclube com filmes de surfe especializados, o seriado Armação Ilimitada, diversas novelas (com personagens surfistas), o programa televisivo Realce, programas de rádio, entre outros, foram fundamentais, principalmente a partir dos últimos anos da década de 1970, para divulgar o surfe, os valores e estilo de vida a ele associados.

Nesse contexto, as emissoras de rádio também propagam o surfe e os estilos de música associados a seus praticantes e fãs, como rock, reggae e uma vertente específica, a surf music. Contudo, no que diz respeito à estruturação e conformação do surfe como um esporte organizado e profissional, as revistas talvez tenham sido o meio de comunicação que mais contribuiu. Isso se deve a algumas razões. Primeiro, são um veículo por excelência feito por e para surfistas. Geralmente são criadas por praticantes e, mesmo que contratem profissionais (diagramadores, fotógrafos, repórteres, editores, redatores), estes em geral são também surfistas. Na redação de Fluir nos anos 1980, por exemplo, a maioria das pessoas surfava. (FORTES,2008)

A esses fatores, pode-se associar o impulso pelos meios de comunicação, especialmente na década de 1980, época em que principalmente a revista Fluir exerceu importante papel no estabelecimento de padrões de consumo, referência e identidade, além da construção de um discurso fomentando a necessidade de modernização da modalidade, contribuindo na idealização de uma cultura e economia em torno do surf (FORTES, 2011).

Badari (2016) ao narrar o crescimento do surf no universo midiático, aborda a trajetória da Revista Fluir que, após 32 anos de história, encerrou seus trabalhos com a sua última publicação em maio de 2016. Isso se deu devido a diversos fatores, dentre eles o progressivo interesse do público por conteúdo digital e audiovisual ao invés das convencionais impressões preservadas por Fluir.

Nesse sentido, outras editoras se ajustaram a essas mudanças, tantas outras surgiram na ocasião e, atualmente, realizam um efetivo e assíduo trabalho para com o seu público, como é o caso das revistas Hardcore e Almasurf. Um exemplo que merece relevância é o canal televisivo Off (disponível na TV por assinatura), que fora lançado, em 2011, pelo grupo

Globosat com a finalidade de exibir esportes de aventura direcionados principalmente ao público jovem. Com efeito, o período fora propício, sobretudo em relação ao início do crescimento do surf no Brasil (BADARI, 2016).

As revistas Hardcore e Almasurf, veículos especializados em surf, possuem também websites onde divulgam notícias instantâneas sobre o surf e competições, artigos que tratam de conhecimentos técnicos que rodeiam a prática (leitura de ventos, ondulações, etc).

6.2 ESPAÇO PARA MINORIAS

Como o produto desenvolvido tem como foco criar um espaço aberto, onde questões ligadas às minorias também estarão no centro dos debates, faz-se necessário contextualizar este aspecto social. Infelizmente, ainda, vivemos uma sociedade desigual e temos diversos grupos que estão sujeitos a práticas preconceituosas. O termo minoria refere-se, na sociologia, a grupos sociais historicamente excluídos do processo de garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, por questões financeiras e por questões de gênero e sexualidade. O Estado brasileiro garante a todos, em tese, independente de cor, raça, credo ou qualquer outra peculiaridade, direitos e deveres fundamentais na Constituição Federal de 1988.

Segundo Siqueira e Castro (2017), no artigo *Minorias e Grupos Vulneráveis: a questão terminológica como fator preponderante para uma real inclusão social*, ainda que se fale em evolução social, esta sociedade, do século XXI, ainda não evoluiu a ponto de aceitar a pluralidade existente no campo das relações humanas, alocando tais pluralidades nos denominados grupos vulneráveis ou minorias.

Partindo da premissa amplamente explorada por Siqueira e Rostelato, “a igualdade consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, pois não é suficiente tratar de forma igual os iguais e desigual os desiguais; mais que isso, é necessário estabelecer quem são os desiguais e qual a extensão desta desigualdade” [grifo dos autores], destarte percebe-se que ao mencionar “iguais” remete ao grupo de dominância social, enquanto que os “desiguais” referem-se aos grupos sociais que sofrem opressão, ou seja, os grupos vulneráveis e suas espécies (minorias) (SIQUEIRA;CASTRO, 2017).

Filho (2004) explica que a análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiático.

A chamada política de identidade se caracteriza pela afirmação e defesa da singularidade cultural dos grupos oprimidos ou marginalizados. Ativistas negros, feministas e homossexuais estenderam definitivamente o sentido do político para além de suas fronteiras convencionais, realçando o papel crucial da cultura da mídia (Kellner 2001; Gripsrud 2002) na formulação, no reconhecimento e na legitimação de critérios e modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, moral ou imoral, feio ou bonito, bem-sucedido ou fracassado. (FILHO, 2004).

Os movimentos organizados pelas minorias estão crescendo cada vez mais, e esses grupos articulam-se para adentrar os espaços que antes por uma construção social dominadora e excludente os foram retirados. Além disso, segundo Filho (2004) o crescente uso das tecnologias interativas da comunicação por parte de grupos étnicos minoritários estão contribuindo na luta das minorias pela representação.

Não se pode negligenciar, porém, no estudo dos estereótipos e das representações midiáticas, o crescente e auspicioso surgimento de novos lugares de enunciação – de "arenas discursivas paralelas" (Fraser 1989), onde grupos sociais sub-representados nas bancadas parlamentares, nos textos midiáticos e no mundo das artes inventam e circulam contradiscursos, com objetivo de construir interpretações oposicionistas de suas identidades, seus interesses e suas necessidades (FILHO, 2004).

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

7.1. PRÉ-PRODUÇÃO

7.1.1 A DECISÃO PELO MODELO PODCAST

Como citado anteriormente, a ideia de fazer um podcast surgiu durante a construção do TCC. Ao apresentar a primeira versão aos orientadores, o professor Paulino sugeriu que eu criasse um produto final, que seria um podcast. Eu aceitei a proposta e assim começou a idealização do que seria esse podcast.

Confesso que não tinha tanta intimidade com esse universo do podcast, mas após decidir por produzir um podcast, comecei a escutar e amei. Durante um período, em um dos meus dos meus estágios, fui responsável por uma coluna em que escrevia perfis sobre os funcionários do local de trabalho.

A forma que eu preparava as entrevistas e ia até o local conversar com o entrevistado, lembra bastante a etapa de pré-apuração e a conversa entre o mediador e convidado que está presente no formato do podcast. Outro fator que estimulou a criação de um podcast como produto final é a sua expansão nos últimos anos.

7.1.2 REFERÊNCIAS DE PROGRAMAS DE PODCAST

Para a produção do programa de podcast Drop Delas fez-se necessária a análise de programas com propostas semelhantes.

Três foram os principais podcasts que inspiraram a produção do "Drop Delas" do ponto de vista temático, sendo dois deles conduzidos apenas por mulheres. Já que o Drop Delas é conduzido também por uma mulher, me senti mais à vontade buscando referência em podcast já apresentado por mulheres.

O primeiro é o *VA Surfar Gina*, que foi o primeiro podcast brasileiro sobre surf voltado para mulheres, criado em julho de 2020, pela jornalista e uma das criadoras da Flamboiar - um canal multiplataforma de conteúdo sobre surf - Carolina Bridi.

A cada episódio, a apresentadora conversa com uma mulher que vivencia o surf no seu dia a dia, seja como surfista, fotógrafa, videomaker, shaper,[1] empreendedora, executiva de marcas. Segundo a descrição da criadora, o podcast mostra a importância de ter mulheres na linha de frente e nos bastidores de tudo que envolve o universo do surf.

O podcast, atualmente, tem 23 episódios lançados. Os programas foram divididos em duas temporadas, com um fluxo de periodicidade semanal e os episódios contam com duração que variam entre 40 minutos a 1h18min, aproximadamente. A segunda temporada foi encerrada em junho de 2021.

Outro podcast que inspirou o "Drop Delas" foi o podcast "*Na Praia Delas*" sobre surfe feminino criado por quatro surfistas de regiões, gerações e histórias de vida distintas, mas que compartilham os mesmos objetivos: fortalecer o surfe feminino, são elas: ex-surfista profissional e jornalista Érica Prado, a surfista profissional Yanca Costa, a bióloga marinha e fundadora do primeiro Clube de Surf Feminino de Salvador, Nayla Patrizzi, e a personal trainer e co-fundadora do projeto "Gals at the Sea", Potira Rolan.

O podcast, lançado em setembro de 2020, não teve uma periodicidade tão constante e conta com 17 episódios, abordando temas como a relação das surfistas mulheres com as grandes ondas, estereótipo da mulher surfista, dicas para planejar a primeira surf trip (viagem

com objetivo de praticar o esporte) e diversos outros temas ligados ao universo feminino e ao surf. Neste podcast, os episódios têm a duração entre 20 e 30 minutos.

O terceiro podcast é o *Surf de Mesa*, apresentado por Junior Faria, Carolina Bridi e Raphael Tognini que trabalham na Flamboiar - um canal multiplataforma de conteúdo sobre surf - e se reúnem, uma vez por semana, para debaterem e conversarem temas sobre os bastidores do universo do surf. O programa, lançado em janeiro de 2019, tem episódios semanais e já conta com 180 gravações lançadas, com duração de cerca de 1h.

O que me chama atenção no *Surf de Mesa* são as temáticas debatidas, pois trazem muitos aspectos culturais do universo do surf, em um bate papo aberto, o que se assemelha bastante com o propósito do "Drop Delas". Dentre os temas, filmes de surf; estereótipo do surf; a relação entre surfistas e pescadores; o narcisismo no surf; a praia, o surf e o ideal humano de escapismo. Além disso, o podcast tem uma mulher e dois homens como apresentadores e isso traz um aspecto de inclusão e debate livre, também outra proposta que vai ao encontro do "Drop Delas".

Com o intuito de debater o surf para além do mar, com assuntos que estão muito ligados ao dia a dia dos praticantes e simpatizantes, o Drop Delas buscou referência nos podcast: *VA Surfar Gina*, *Na Praia Delas* e *Surf de Mesa*.

7.1.3 FORMATO E DURAÇÃO DOS EPISÓDIOS

A ideia inicial do projeto seria um podcast sobre o surf feminino, mas durante as conversas com os orientadores, percebemos a importância de um diálogo mais aberto que incluísse convidados homens e não apenas convidadas mulheres. Percebi que abrir o podcast para conteúdo que abrange participantes de todos os gêneros, além de tratar de temáticas ligadas às minorias e outras mais profundas sobre o surf, condizia mais com a minha forma de me relacionar com as pessoas, no dia a dia, e pensar sobre os temas que precisam ser dialogados por todos na sociedade.

Os episódios são divididos por temáticas onde, em um primeiro momento, eu apresento o tema que será debatido com uma introdução e dados, contendo um conteúdo mais jornalístico, de fornecimento de informações e pesquisa prévia. Em seguida, inicia-se o bate papo com a convidada ou o convidado acerca da temática norteadora da edição do programa.

Após esse momento, sempre vou pedir para que a/o participante escolha uma música

que mostre um pouco do que o surf representa para ela/ele. A música será colocada no final de cada episódio. A ideia do “Drop Delas” com isso é mostrar ao público que se conectar com o surf não é apenas estar no mar, mas que o estilo de vida do surf está em várias esferas, inclusive, na música. O objetivo é levar um pouco da cultura do surf e até mesmo evidenciar como esse universo do surf toca e traz consigo diversos outros temas que estarão refletidos nas músicas escolhidas pelos participantes.

Com isso, ficou decidida a elaboração de um episódio, o piloto, com um tema que destaca uma das minorias que mais sofrem, no dia a dia, com os preconceitos sociais existentes: as mulheres negras. Não bastando apenas trazer à tona a problemática do gênero, o episódio junta outro tema que precisa ser debatido em qualquer espaço que se manifeste, que é o racismo. Como o Drop Delas tem esse foco de trazer à tona e debater questões sociais que, também, apresentam-se no surf, esse tema me pareceu ideal.

Além dos temas, o formato e duração dos episódios também foram escolhidos. A partir de estudos mais profundos sobre a produção deste produto final, ficou decidido que a conversa seria entre mim e mais uma convidada ou convidado, que tivesse ligação com o tema, com episódios com média de duração de 20 a 30 minutos.

7.1.4 PROPOSTA DOS EPISÓDIOS

PROGRAMA PILOTO: CENÁRIO DAS SURFISTAS NEGRAS

CONVIDADA: Érica Prado

DESCRIÇÃO: o primeiro episódio do podcast tem o intuito de debater a relação entre as mulheres negras e o surf por meio de uma análise histórica, com dados e apresentando a trajetória de algumas surfistas negras profissionais como Silvana Lima e Júlia Santos. Para isso, a convidada que tem propriedade para debater o tema foi a Érica Prado, ex-surfista profissional, atualmente, jornalista e criadora do Movimento Surfistas Negras, que desde 2019 vem ajudando a trazer e a dar mais visibilidade a meninas e mulheres negras no universo do surf. Por ter vivido uma trajetória profissional, Érica também passou pelos obstáculos que mulheres negras enfrentam na atividade e conseguiu compartilhar e acrescentar análises contundentes sobre esse cenário.

7.1.5 A ESCOLHA DO NOME DO PODCAST

A escolha do nome do podcast foi fundamental no processo de produção. Como é um programa sobre surf e apresentado por uma mulher, algo que remetesse a uma ligação a esses dois universos me pareceu interessante. Como a todo tempo friso que o produto é uma conversa aberta para livre expressão de opiniões sobre diversos temas que envolvem desde minorias a curiosidades da prática, estavam na base da escolha do nome.

Logo comecei a pensar em opções, algumas delas: Maria Parafina; Garota, olha a 26 onda; Mar, Marolas e Elas; Crowd das minas. Após reunir alguns nomes, submeti as ideias a uma enquete na minha rede social, Instagram, e a grande maioria do público votante escolheu o Drop Delas (78%). Dentre as explicações estava o nome ser fácil e "colar na cabeça".

A inspiração do nome vem de *Drop*, que é uma gíria muito comum do surf. "Drop' é sinônimo de pegar a onda. Se a/o surfista pega a onda, ela/ele "dropou". E, devido ao fato de o podcast tratar de vários assuntos além do mar, o nome remete a algo como "vamos embarcar/dropar" nesse tema e abordá-lo de forma mais profunda. E, assim, surgiu o nome Drop Delas, um podcast que trata de vários temas do surf sendo conduzido por uma mulher.

7.1.6 A ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS

Para elaborar algo que fosse no formato de um podcast, com a estrutura de uma conversa e debate sobre temas, o programa piloto do Drop Delas foi dividido de três formas: apresentação, debate e encerramento. Não apenas debater o tema, apresentar dados e contar histórias que o envolvem, também, foram aplicadas ferramentas na elaboração do podcast.

A apresentação faz-se necessária visto que para o ouvinte compreender melhor o debate, é necessária uma contextualização da temática que irá nortear o bate-papo para que o mesmo consiga construir a sua própria visão, sem escutar apenas pontos de vistas, mas também ter a oportunidade de obter informações concretas e até mesmo um contexto histórico. A apresentação é escrita com base nas pesquisas, na avaliação dos dados e em relatos sobre o tema.

Após esse processo, passa-se à escolha da/o convidada/o, a marcação da entrevista e a preparação da mesma. Com base nas informações previamente estudadas e na trajetória da/ ou do participante, o próximo passo foi formular as perguntas, para que o programa tivesse uma

linha de raciocínio e não fosse apenas uma conversa solta. As perguntas roteirizam a passagem de uma informação completa sobre o tema.

Como exemplos das perguntas pensadas para condução do projeto piloto estão: Como percebia o racismo do surf feminino?; Como percebe hoje e como gostaria de ver esse cenário no futuro?

Com a criação dessa proposta, a intenção é que a conversa não fuja da linha temática durante a interação entre a apresentadora e a/o convidado.

Antes da produção, foi feita uma pré-entrevista com a convidada, para que no momento da gravação, ambas estivessem em mais sintonia. A pré-entrevista consistiu em uma chamada rápida de telefone, onde eu me apresento e peço para que a convidada também se apresente. Conversamos um pouco sobre a temática que vamos debater e pontos que vamos abordar. Por fim, a cada episódio solicito ao participante que apresente uma música e isso marca o fim dos episódios.

7.2 PRODUÇÃO

Em um cenário de mudança social e novas formas de criação de conteúdo online, em especial no contexto pós-pandemia, produzir o material de forma virtual tornou-se algo viável. Desta forma, a conversa e gravações com a convidada aconteceram pela plataforma de vídeo chamada Google Meet. Nos encontros, apesar de não haver a necessidade do vídeo, já que o produto final seria apenas em áudio, as câmeras, tanto do mediador quanto dos convidados, ficavam ligadas para maior pessoalidade na conversa.

Encerradas as chamadas, o aplicativo, automaticamente, gerava a gravação de toda a conversa, que, posteriormente, era disposta no aplicativo de edição para a finalização do podcast. Para ter a garantia do material, e não depender de falhas que poderiam acontecer com a gravação no Google Meet, durante a conversa, também ativei a função do meu computador que grava a tela e o áudio. Ou seja, além da gravação pelo aplicativo, eu tinha uma gravação reserva, feita pelo próprio computador.

O episódio foi gravado na sala de casa, por ser o lugar onde já costumo trabalhar e estudar. E, como moro sozinha, não haveria interferência. Ambas as participantes utilizaram fones de ouvido com microfone, para que evitássemos ao máximo a captação de ruído por interferências externas. Mesmo assim, a conversa acabou sofrendo ruídos por conta da instabilidade de rede, seja do mediador ou da entrevistada, mas nada que comprometesse o

andamento do debate e do podcast.

Antes de iniciar a gravação, realizei um teste prévio com a convidada para testarmos o microfone e perguntar se a música estava separada, pois eu iria solicitá-la ao final do episódio. A gravação foi realizada no dia 11 de agosto de 2022. Já a contextualização foi gravada no dia 23 de agosto do mesmo ano.

7.3 PÓS-PRODUÇÃO

7.3.1 EDIÇÃO DOS PODCASTS

Após a captação dos áudios e gravação das narrações de apresentação, fez-se necessária a edição do podcast, com a inclusão de sonoras externas, cortes de áudio, tratamento de som e vinhetas. Todo o processo de edição foi realizado por mim, que, desde o início do projeto, queria estar envolvido em todas as etapas de produção. Já havia um contato anterior com a experiência de edição de áudios por meio de disciplinas da Faculdade de Comunicação.

Com a entrevista finalizada e o roteiro estruturado, fez-se necessária a edição do podcast. Para isso, foi adicionado as sonoras externas, realizado cortes de áudio, tratamento do som e a inserção de vinhetas e transições sonoras. Desde a pré-produção até a pós-produção, o trabalho foi realizado por mim.

Por se tratar de um podcast, a entrevista principal foi o produto norteador, mas isso não impediu que inserções fossem adicionadas, durante a conversa, para contextualizar e complementar o assunto debatido com a entrevistada. Nesse sentido, foi feito o acréscimo ao podcast de sonoras externas com a intenção de não deixar o produto, que é exclusivamente de áudio, monótono. Isso também possibilitou dar um tempo de respiro para o ouvinte.

Outra parte fundamental foi a normalização do som, para que estivesse em um padrão que não fosse incômodo para o ouvinte. Sendo assim, foi feita diminuição de ruídos e cortes nos momentos de respiração mais prolongados tanto da mediadora quanto da convidada. Essa primeira parte da edição foi realizada no programa *Audacity*. Após esse tratamento do áudio e montagem de sonoras, para a organização do podcast foi utilizado a plataforma *Anchor*, uma plataforma para podcasts do Spotify, e que distribui o produto publicado para as principais plataformas de streaming: Rádio Public, Google Podcasts, Spotify, Breaker, Stitcher e

Pocketcasts.

Para a finalização do conteúdo, as vinhetas e transições sonoras, elementos de fundamental importância, foram sons já existentes disponíveis no *Youtube Music*. Neste sentido, foram utilizadas músicas e sons para transição, como barulho do mar, parte de uma entrevista com uma das maiores surfistas brasileiras, Silvana Lima, a música de abertura e a música escolhida pela convidada. Com o conteúdo pronto, foram feitos cortes menores de momentos relevantes da entrevista, que podem ser estudados separadamente.

7.3.2 APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Para a divulgação do podcast, é necessária a criação de uma identidade visual, que será utilizada como capa. Nesta etapa, a criação de uma capa foi fundamental para a identificação do "Drop Delas". Produzi a capa com o auxílio da plataforma Canva, uma ferramenta de design gráfico que permite aos usuários criar diferentes conteúdos visuais.

Fonte: elaboração própria

As imagens que possuem apenas a disposição das cores (amarela e azul) diferentes uma da outra, contam com o nome do podcast e elementos visuais que remetem ao surf, como uma mulher pegando/dropando uma onda e o sol, assim atrelando elementos da natureza que estão conectados com a prática. Além disso, o fato de ser uma mulher na prancha pegando a onda, nota-se uma clara ligação com o nome "Drop Delas" e é convidativo para que ouvintes entendam que vamos pegar muitas "ondas" nos assuntos do universo do surf e que os episódios serão conduzidos por uma mulher.

Este produto não tem apenas como finalidade a apresentação do trabalho final, e sim uma produção que será além da apresentação para a finalização do curso, como um projeto

pessoal que terá continuação. Para expandir o número de ouvintes e apresentar com mais profundidade o objetivo de levar a cultura do surf e a sua relação com a sociedade, foi criado um perfil na rede social *Instagram* (@dropdelas_podcast). A rede social é uma plataforma online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. Antes de cada episódio, será divulgado uma arte com dados e informações sobre o tema que será abordado no programa e, em seguida, uma postagem com a descrição e divulgação do episódio publicado.

A rede social será como uma plataforma de divulgação dos episódios. Além disso, serão disponibilizados cortes, com partes menores da conversa com os convidados, como forma de atrair os ouvintes para o programa. A seguir imagens ilustrativas para a divulgação do programa, no *Instagram* (@dropdelas_podcast), feitas com a plataforma *Canva* e o link de acesso para o produto.

Link para o produto:
https://drive.google.com/file/d/1toxE6HXccR-5njnbqyUD7ayInu3g45qQ/view?usp=sharing

Fonte: elaboração própria

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Drop Delas é um projeto que visa tornar o debate sobre o surf um espaço para expressão de opinião e divulgação de ideias e histórias, buscando abrir o diálogo para temáticas de cunho sociais que se conectam com as minorias e, consequentemente, com todos. Para isso, conta com temas que envolvem aspectos sociais, mas também temas específicos sobre o surf, com o foco de mostrar como o dia a dia e o surf se misturam, o que torna, muitas vezes, a prática um estilo de vida.

O podcast é um produto de áudio que obteve grande crescimento e tornou a comunicação, a meu ver, mais democrática. Atualmente, as pessoas estão debatendo assuntos

de forma mais aberta e “informal”. Além disso, o podcast tem uma fácil capacidade de circulação por meio de outras plataformas de veiculação de música e, inclusive, plataformas específicas que publicam o produto e distribuem para outros programas de streaming, como o Anchor - plataforma que será utilizada para veicular o “Drop Delas”.

Este trabalho final começou com a ideia de analisar quantas notícias sobre as surfistas mulheres haviam sido veiculadas, durante as Olimpíadas de 2020, pelo veículo especializado em esportes com prancha, HardCore. O intuito era realizar uma pesquisa quantitativa e qualitativa, mas o objetivo final não fugia de trazer à tona a discussão principal: entender como o surf dialoga com outras questões da vida social, mesmo tendo um universo próprio.

No decorrer do processo de produção do trabalho final, com a minha paixão pela prática e como futura jornalista, os orientadores me deram a sugestão de criar o podcast. Logo, a ideia tornou-se mais do que analisar um cenário sobre noticiário de surf. Por que não debater esse cenário e como ele se manifesta em outras áreas, além de atrelá-lo ao 31 conhecimento e profundidade da prática? Com o espaço que o podcast tem conquistado e o seu acessível processo de produção, a decisão de criar um programa neste formato pareceu cabível.

O surf, nos últimos anos, tem crescido bastante no país e um dos motivos é o bom desempenho dos brasileiros em competições mundiais. O surfista brasileiro Ítalo Ferreira foi o medalhista de ouro nas Olimpíadas de Tóquio, em 2020, sendo esta a primeira vez que o surf esteve presente como uma das modalidades do evento esportivo. Em novembro de 2021, o IBOPE Repucom realizou uma pesquisa sobre os fãs de surf no Brasil, o resultado mostrou que a prática já tinha acumulado mais de 45 milhões de entusiastas no país. Os fãs de surf são 41% do universo de brasileiros conectados com 18 anos ou mais. Na pesquisa anterior, em 2013, 26% dos brasileiros conectados se declararam fãs de surf (“interessados” ou “muito interessados” pela modalidade), o que representava pouco mais de 14 milhões de indivíduos.

O IBOPE Repucom traz informações sobre hábitos, atitudes sobre patrocínios, consumo de meios e comportamento de compra entre fãs de campeonatos e modalidades esportivas.

Os dados mostram que ter o surf como temática principal é um potencial. Além disso, atrelar ao formato de podcast - um produto que também tem ganhado o interesse dos brasileiros - torna o “Drop Delas” um projeto com grande oportunidade de alcançar, não apenas pessoas que praticam a modalidade, mas um grande número de brasileiros que apreciam a prática.

Desta forma, sendo capaz de levar a cultura do surf para todos. Ao abrir espaço no programa para conversas que fazem parte do dia a dia e como isso se manifesta no surf, o "Drop Delas" será capaz de trazer para o debate um grupo maior de pessoas e assim criar um espaço mais democrático.

Com o avanço no número de podcasts e com a praticidade que é produzir o formato, faz-se interessante que as faculdades de Comunicação ofereçam aos alunos a oportunidade de estudarem e evoluírem com a prática de criação de podcasts, visto que se adequa ao jornalismo multimídia, ademais de possibilitar práticas relacionadas ao empreendedorismo. O resultado desta interação pode gerar a criação de novos formatos de produtos jornalísticos e novos modelos de atuação dos futuros profissionais.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. A modernização da imprensa (1970 – 2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ÁRIAS, Marcello. Surf gênese – a antropologia do surf. Encarte Alma Surf, ed. 8, capítulo I.

BADARI, Helena Maria Giudice. A presença da mídia no crescimento do surf no Brasil: um estudo sob a perspectiva da psicologia do esporte. 2016. 32 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2016.

BOOTH, D. *Australian beach cultures: the history of sun, sand and surf* London: Frank Cass, 2001.

CASTRO, L; SIQUEIRA, D. Minorias e Grupos Vulneráveis: a questão terminológica como fator preponderante para uma real inclusão social. Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE), São Paulo, v. 5 , n .1 , p. 105-122, 2017.

DIAS, C. *Urbanidades da natureza*: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Stuart Hall: esboço de um itinerário biointelectual. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre. N.21, agosto de 2003. P. 61-74.

FILHO, J. F. Mídia, estereótipo e representação das minorias. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v.7, n.2, pp.45-71, 2009.

FERREIRA, Ana Carolina Matuchewski. O surf e a tv aberta – uma análise midiática dos anos de 2014 e 2015. 2018. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de

Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

FORTES, Rafael. Notas sobre surf, mídia e história. Recorde: Revista de História do Esporte. volume 1, número 2, dez. 2008.

FORTES, R. O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FORNECK, G.R. Os padrões e estratégias de competitividade da indústria de Surfwear em Santa Catarina. Monografia submetida ao curso de ciências econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

IRWIN, J. Surfing, the natural history in a urban Scene. Urban life and culture, vol.2 1973. 33

KAMPION, D. Up a lazy river with Bill Hamilton. The Surfer's Journal, Early Spring, 72–88, 2000.

KAMPION, D. Stoked!: a history of surf culture. Gibbs Smith, 2003.

MAIA, António, (2008). "Corrupção: Realidade E Percepções – O Papel Da Imprensa". Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

MCCRACKEN, G. Clothing as language: an object lesson in the study of the expressive properties of material culture. In: REYNOLDS, B; STOTT, M. (Eds.). Material Anthropology: Contemporary Approaches to Material Culture. New York: University Press of America, no prelo, 1986 - https://www.scielo.br/j/rae/a/v4jhqtDxxrkmsrSkmKyjM8p/?lang=pt&format=pdf

MORAES, M. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. Volume 3. Revista Educar Mais. Pelotas, Rio Grande do Sul, 2019.

MÜLLER, U. Esporte e mídia: um pequeno esboço. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 212-219, 1996.

SANTOS, J. O que é Cultura? 12a reimpr. da 16a. ed. de 1996, reimpressão 2009. Brasiliense. São Paulo: Pinheiros, 2009 (Coleção primeiros passos; 110).

SEGABINAZZI,R; NIQUE,W; PINTO, D. O Estilo de Vida da Tribo do Surf e a Cultura de Consumo que a envolve. Artigo publicado no XXXV Encontro ANPAD. Rio de Janeiro, 2011.

SCHIFINO, C. Previsão de vendas na rede de varejo trópico surf shop Trabalho de conclusão de curso em administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre. 2002.

STACHEVSKI, Thiago Weigert. A inserção do surf nos Jogos Olímpicos de verão Tóquio 2020: as estratégias dos agentes e instituições no campo esportivo. Dissertação de mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

Links:

Mercado do surf cresce com sucesso de brasileiros. Comunicare, 2015. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/mercado-do-surf-cresce-com-sucesso-de-brasileiros/> Acesso em 22 de agosto de 2022.

Sur um mercado em evolução. Ibrasurf, 2002. Disponível em: <http://www.ibrasurf.com.br/wp-content/uploads/2010/07/7.pdf> Acesso em 22 de agosto de 2022.

Contracultura, surf e o surgimento do skate. Surf e Coisas Afins, 2018. Disponível em: <https://surfecoisasafins.wordpress.com/2018/06/17/contracultura-surf-e-o-surgimento-do-skate/> Acesso em 22 de agosto de 2022.

Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts. Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/> Acesso em 22 de agosto de 2022.

O Surf no Mundo em números. SurfTotal. Disponível em: <https://surftotal.com/noticias/exclusivos/item/15350-o-surf-no-mundo-em-numeros> Acesso em 20 de agosto de 2022.

Imagens:

Fonte: elaboração própria

DROP
delas

TÁ NO AR
ep.#1
Cenário das surfistas negras no Brasil
convidada: Érica Prado
DROP
delas

se tem onda, tem
POD
CAST
por: Anny West
DROP